



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

Maria de Fátima Matos Vilas Boas

Violência Bidirecional em Relações de Intimidade e Estilos Parentais

Trabalho realizado sob orientação da

Prof.^a Doutora Olga Cunha

e co-orientação da

Prof.^a Doutora Andreia Machado

fevereiro, 2023



Maria de Fátima Matos Vilas Boas

Violência Bidirecional nas Relações de Intimidade e Estilos Parentais

Dissertação de Mestrado Psicologia da Justiça: Vítimas de Crime

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia

03/02/2023, perante o júri seguinte:

Presidente: Prof^a. Doutora Ana Rita Dias (Prof^a. Auxiliar da Universidade
Lusófona do Porto)

Arguente: Prof^a. Doutora Carla Antunes (Prof^a Auxiliar da Universidade
Lusófona do Porto)

Orientador: Prof^a Doutora Olga Cunha (Prof^a Auxiliar da
Universidade Lusófona do Porto)

fevereiro 2023

É autorizada a reprodução parcial desta dissertação apenas para efeitos de investigação
mediante declaração escrita do interessado, que tal se compromete.

Agradecimentos

Para a realização desta dissertação de mestrado contei com várias pessoas e serviços que me forneceram suporte. Todas as pessoas que irei mencionar em seguida, foram fulcrais, de modo direto e/ou indireto, para a finalização da dissertação.

Assim sendo, agradeço primeiramente à Universidade Lusófona do Porto, considerando professores, funcionários, colegas, e serviços da faculdade, pelo acompanhamento ao longo desta experiência (licenciatura e mestrado), por me permitirem sentir confortável e com vontade de aprender mais, e para além disso considero que a entrada para esta universidade em específico, fez-me crescer e adquirir competências ao nível académico e ao nível pessoal.

À minha orientadora de dissertação, Professora Doutora Olga Cunha, que me acompanhou e se disponibilizou sempre para me fornecer conhecimento científico. Agradeço ainda o incentivo e motivação para finalizar a dissertação, mesmo quando me encontrava desmotivada e pela paciência, pois tenho consciência que nem sempre fui uma aluna fácil.

À minha orientadora de estágio e coorientadora de dissertação, Professora Doutora Andreia Machado, que para além de todos os conhecimentos científicos acerca da área de Psicologia que adquiri com a mesma, foi uma docente muito importante para mim ao nível pessoal. Agradeço por ter estado sempre presente para ouvir as minhas frustrações e aconselhar.

Agradeço a todos os participantes do meu estudo, pois sem eles não seria possível o término do mesmo, e além disso pela disponibilidade e cooperação na realização do formulário.

Aos meus pais, que serei eternamente grata, sem eles a finalização deste projeto e curso não seria possível. Agradeço ainda, por estarem sempre disponíveis para financiar o meu conhecimento, e mesmo com o pouco tempo livre (devido ao trabalho) colocam-me sempre em primeiro lugar. Aproveito este espaço para os reconhecer e demonstrar o meu afeto por eles.

Ao meu irmão, que desde muito novo me incentivou a seguir os meus sonhos, me demonstrava o quanto acreditava em mim e me incentivava a chegar o mais longe possível.

Referencio e reconheço as minhas duas colegas de trabalho na Universidade, que se tornaram duas amigas que levo comigo para fora da faculdade, Filipa Branco e Cláudia Rodrigues, pela disponibilidade, pelo trabalho em equipa e por me desejarem o melhor tanto a nível pessoal como profissional. Agradeço-vos, ainda, pela aquisição de competências que me forneceram, e quero ainda referir, que foram duas pessoas fulcrais para o término deste percurso.

À Ana Margarida Lopes, que me acompanhou durante os três anos de licenciatura, como amiga e colega. Acredito que foi uma pessoa importante para o término da licenciatura e que se manteve comigo em anos importantes do meu crescimento pessoal.

Ao meu grupo de dissertação e grupo de estágio, pelo companheirismo e pela disponibilidade de entreaajuda.

Aos meus amigos mais próximos, que me apoiaram e acompanharam, ao longo destes anos. Referencio assim, Carolina Felício, Ema Santos, Mónica Maia, Diogo Alexandre, João Rocha, Bruno Filipe, Diana Rocha, Fábio Ribeiro, Lucas Galego, Leonardo Pereira, José Carlos Barbosa, Telmo Mota e Inês Garcias.

Agradeço em especial à minha amiga Carla Sousa, por me ter auxiliado com a tradução do resumo. Obrigada por me incluíres no teu núcleo familiar, e por me teres dado, juntamente com o Diogo Rebocho Limas, a oportunidade de ser madrinha.

Por fim, à Mariana Pinho. Iniciámos e finalizamos este projeto juntas. Agradeço pela amizade, pelo suporte emocional, por viver comigo as minhas conquistas e frustrações, e por realçar sempre as minhas competências. Obrigada por seres uma companheira de vida, por me acompanhares nas piores e melhores fases da minha vida. Espero que estejas sempre ao meu lado nos meus projetos de vida e que eu esteja sempre do teu.

Resumo

A violência nas relações de intimidade (VRI) é um problema preocupante de saúde pública, que pode ocorrer de diversas formas de violência e acarretam diversas consequências para os indivíduos que experienciam este fenômeno. A VRI é um fenômeno que tem vindo a ser fundamentado pelas teorias da família, contudo através da literatura mais recente considera-se que a VRI não pode ser considerada um fenômeno unidirecional, mas sim bidirecional. Sendo que, essa mesma bibliografia refere que a violência bidirecional nas relações de intimidade é um fenômeno prevalente. O fenômeno de VRI pode influenciar a parentalidade, mais concretamente os estilos parentais. Utilizou-se o Inventário de Violência Conjugal (IVC) para avaliar a violência bidirecional nas relações de intimidade e o *Egna Minnen Berättande Uppstran-P* (EMBU-P) para a avaliação dos estilos parentais, com o objetivo de compreender de que modo a violência bidirecional nas relações de intimidade pode afetar as competências parentais, mais concretamente os estilos parentais, comparando os géneros. A amostra inclui 141 pais e mães com filhos menores de 18 anos, 23 (16,3%) do sexo masculino e 118 (83,7%) do sexo feminino. Os resultados demonstram que existem diferenças de grupo ao nível dos estilos parentais, na subescala rejeição. Apresentam-se diferenças no grupo de mães que não experienciam violência comparativamente ao grupo de mães que experienciam violência bidirecional nas relações de intimidade na subescala rejeição. Em suma, evidenciou diferenças de género ao nível dos estilos parentais, tanto no grupo que não experiêcia violência, como no grupo que experiêcia violência bidirecional nas relações de intimidade na subescala suporte emocional.

Palavras-Chave: Violência Bidirecional nas Relações de Intimidade (VRI); Violência Bidirecional nas Relações de Intimidade; Estilos Parentais.

Abstrat

Intimate Partner Violence is a worrying public health issue that occurs in multiple forms of violence and has several consequences for the individuals that experience it.

The phenomenon of Intimate Partner Violence has been widely supported by family theories; however, according to the most recent studies on the subject, it is considered not as a unidirectional phenomenon, but as a bidirectional one. This recent literature states that Bidirectional Intimate Partner Violence is a prevalent phenomenon.

Intimate Partner Violence may influence parenting, more specifically parenting styles. Using the Marital Violence Inventory to assess Bidirectional Intimate Partner Violence and Egna Minnen Beräffande Uppfostran-P to assess parenting styles, in order to understand the way in which Bidirectional Intimate Partner Violence may weigh on parenting skills, more specifically on parenting styles, the two genders were compared. The sample includes 141 fathers and mothers with minor children – 23 (16,3%) males and 118 (83,7%) females. The results show that there are group differences on the subscale of rejection when it comes to parenting styles; it is shown that there are differences when comparing mothers who do not experience violence and mothers who do experience Bidirectional Intimate Partner Violence. To conclude, the results highlighted gender differences on the subscale of emotional support when it comes to parenting styles in both the group that does not experience violence and the group that does experience bidirectional intimate partner violence.

Keywords: Intimate Partner Violence; Bidirectional Intimate Partner Violence; Parenting Styles.

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstrat.....	iv
Índice de Abreviaturas e Tabela	vi
Revisão da Literatura	7
Objetivos e Hipóteses	13
Método.....	14
Amostra/participantes	14
Medidas	16
Procedimentos	18
Metodologia de análise de dados.....	19
Resultados	20
Prevalência de perpetração de violência na intimidade.....	20
Frequência de violência na intimidade, estilos parentais e desejabilidade social	20
Diferenças entre os grupos ao nível dos estilos parentais	21
Diferenças entre grupos considerando apenas o género feminino, ao nível dos estilos parentais.....	22
Diferenças de género ao nível dos estilos parentais.....	23
Discussão	26
Referências Bibliográficas	30

Índice de Abreviaturas e Tabela

Comissão de Ética e Deontologia para Investigação Científica - CEDIC

Egna Minnen Besträffande Uppstran – EMBU

Egna Minnen Besträffande Uppstran-P – EMBU-P

Inventário de Violência Conjugal – IVC

Statisticak Package for the Social Sciences - SPSS

Violência nas Relações de Intimidade – VRI

Tabela 1: Variáveis Sociodemográficas dos Participantes (n = 141)

Tabela 2: Variável Sociodemográfica (Idade) dos Participantes

Tabela 3: Estatísticas Descritivas do IVC e da Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5

Tabela 4: Estatísticas Descritivas das Subescalas do EMBU-P

Tabela 5: Teste de diferenças entre grupos ao nível dos estilos parentais

Tabela 6: Teste de diferenças entre os dois grupos considerando o sexo feminino ao nível dos estilos parentais

Tabela 7: Teste de diferenças do grupo sem violência ao nível dos estilos parentais

Tabela 8: Teste de diferenças do grupo com violência ao nível dos estilos parentais

Revisão da Literatura

A violência nas relações de intimidade (VRI) é um problema grave de saúde pública, que inclui diferentes formas de violência, tais como atos de agressão física, agressão sexual, abuso emocional e outros comportamentos de controlo por parte do/a cônjuge, parceiro/a, namorado/a da vítima, progenitor/a de filho comum ou indivíduos/as que tenham tido um relacionamento íntimo (Abramsky et al., 2011; Capinha et al., 2022; Draxler et al., 2019; A. Machado & Matos, 2016; Mohaupt & Duckert, 2016). Para além disso, a VRI não se restringe apenas ao contexto conjugal, esta também ocorre, nas uniões de facto, no período pós-separação, e relações de namoro juvenis (Machado et al., 2009; Nunan, 2004 como citado em Antunes & Machado, 2012).

Destacam-se algumas consequências que se observam com elevada frequência nas vítimas de VRI, nomeadamente o aparecimento de perturbações alimentares e do sono, lesões físicas e corporais, disfunções sexuais, alterações da imagem corporal, tal como perturbações cognitivas e de memória (e.g., pensamentos e memórias intrusivas) (Abramsky et al., 2011; Umoren & Owiriwa, 2018). Também as perturbações de ansiedade, nomeadamente fobias e ataques de pânico, apresentam-se como consequências possíveis da VRI. Do mesmo modo, é importante enfatizar os sentimentos de medo, baixa autoestima, baixo autoconceito, culpa, evitamento e comportamentos depressivos. (Abramsky et al., 2011; Umoren & Owiriwa, 2018). Outra consequência frequente nas vítimas de VRI é a Perturbação de Stress Pós-Traumático. Ou seja, a VRI pode afetar o bem estar dos indivíduos que a experienciam (Umoren & Owiriwa, 2018).

Ademais, é importante destacar o impacto que a VRI tem nas vítimas indiretas, mais concretamente as crianças. A exposição da criança a situações de violência torna-a uma vítima direta ou indireta deste problema (Lundy & Grossman, 2005; Mohaupt & Duckert, 2016). Tanto uma forma de vitimização como a outra deixam marcas claramente reconhecidas até pelas crianças (Lundy & Grossman, 2005; Mohaupt & Duckert, 2016). A forma direta coloca a criança como o alvo dos comportamentos violentos, enquanto a forma indireta refere-se a situações em que a criança presencia episódios de violência entre os pais (Mohaupt & Duckert, 2016). No entanto, ambas são

efetivamente prejudiciais para a criança (Mohaupt & Duckert, 2016). A literatura corrobora que a exposição à VRI pode ser uma experiência prejudicial para o desenvolvimento da criança, podendo ter diversas consequências nas mesmas. Em crianças mais novas pode causar, por exemplo, perturbações de sono, ansiedade de separação e dificuldades em demonstrar as emoções (Lundy & Grossman, 2005). A exposição à VRI para além de poder afetar o desenvolvimento social e psicológico, também pode afetar o desenvolvimento biológico da criança. Tal acontece porque quando a criança é exposta à experiência de VRI os níveis de stress, ansiedade e medo da mesma ficam alterados, podendo até tornarem-se crónicos. Estes níveis encontram-se associados às funções do cérebro, sendo que deste modo pode existir uma propensão para perturbações mentais (Mohaupt & Duckert, 2016).

Tradicionalmente, a VRI vem sendo maioritariamente explicada a partir de teorias de género/patriarcais, as quais assumem a violência como perpetrada por homens contra mulheres, com o objetivo de, a partir da violência, controlar e dominar a companheira (Bates, 2016; Dokkedahl & Elklit, 2019; A. Machado & Matos, 2016). Estas teorias defendem igualmente que a violência pode surgir devido a valores patriarcais existentes na sociedade. Pelo que, estas teorias promovem a feminização da experiência de VRI e a invisibilidade dos homens neste fenómeno (Bates, 2016; Dokkedahl & Elklit, 2019; A. Machado & Matos, 2016).

De modo similar, a VRI é também explicada através das teorias da família (Adhia & Jeong, 2019; Simmons et al., 2010; Stroud et al., 2015). As teorias da família consideram que se pode encontrar uma influência negativa na existência de um relacionamento negativo, no sentido em que este relacionamento negativo pode afetar a qualidade dos restantes relacionamentos no seio familiar, potenciando a possibilidade de vulnerabilidade, conflitos e a rutura da família (Adhia & Jeong, 2019; Simmons et al., 2010). Ou seja, através desta teoria pode-se concluir que existe uma forte probabilidade de pais e mães que experienciam VRI serem perpetradores de violência com os filhos (Adhia & Jeong, 2019; Simmons et al., 2010). Sendo que, existe literatura que corrobora que progenitores que experienciam VRI podem influenciar negativamente as relações díade (e.g. pai-filho/ mãe-filho) e/ou nas relações tríade ou de coparentalidade (e.g. pai-mãe-filho), comparativamente com pais e mães que têm um relacionamento que não experienciam qualquer tipo de violência (Stroud et al., 2015). Neste sentido, a

existência da experiência de VRI pode resultar que estes conflitos entre o casal sejam transferidos para as interações pai-filho/ mãe-filho (Adhia & Jeong, 2019).

Estudos mais recentes com amostras da comunidade demonstram que a VRI não pode ser considerada apenas um fenómeno unidirecional, uma vez que esta é experienciada por ambos os indivíduos que se encontram numa relação amorosa. Posto que, diferentes estudos apontam para uma elevada prevalência de violência mútua ou bidirecional nas relações de intimidade (Bates, 2016; Capinha et al., 2022; Dokkedahl & Elklit, 2019; Langhinrichsen-Rohling, 2010).

Analisando alguns estudos realizados, denota-se que existe uma elevada prevalência de violência bidirecional em relações de intimidade. Por exemplo, um estudo pioneiro realizado por Langhinrichsen-Rohling et al. (1995), numa amostra de 199 casais dos Estados Unidos, encontrou que 83% dos casais referiam que ambos os parceiros experienciavam (vitimação e perpetração) VRI (Langhinrichsen-Rohling, 2010). Não obstante, a violência bidirecional nas relações de intimidade não é necessariamente simétrica relativamente à gravidade, frequência, comportamentos e impacto que esta pode ter em cada indivíduo (Dokkedahl & Elklit, 2019). Através de uma meta-análise, Archer (2000) conclui que existem diferenças em relação ao género, mais especificamente no tipo de violência perpetrada em casais heterossexuais, sendo que as mulheres têm mais tendência a agredir fisicamente o parceiro comparativamente com os homens, todavia, os homens são mais propícios a infligir ferimentos às parceiras, comparativamente com o género feminino (Dokkedahl & Elklit, 2019). Estes resultados são de igual modo apresentados num estudo de prevalências norueguês, indicando uma percentagem mais elevada relativamente a homens que foram expostos a formas de violência menores comparativamente com as mulheres, contudo, quando abordamos formas de violência mais severa, as mulheres foram mais expostas que os homens (Askeland & Heir, 2014).

Um estudo português de Capinha et al. (2022), vai de encontro aos resultados dos estudos descritos anteriormente, assinalando que o fenómeno VRI, incluindo vitimação e perpetração, tinha sido experienciado pela maioria dos participantes numa relação de intimidade ao longo da vida. Ainda, foi constatado neste estudo, uma elevada prevalência de VRI, independentemente do género e/ou orientação sexual (Capinha et al., 2022).

A experiência de VRI pode tornar-se avassaladora para a família, pois espera-se que a família e o lar sejam um lugar de proteção, seguro e de conforto (Draxler et al., 2019). É espectável que as relações entre filhos e pais e mães sejam saudáveis, visto a relação que os pais e mães e filhos estabelecem é um preditor de desenvolvimento saudável ou não saudável das crianças e jovens (Gaspar et al., 2022)

No que concerne à parentalidade, a experiência de VRI pode afetar a mesma (Adhia & Jeong, 2019; Draxler et al., 2019; Kamody et al., 2020; Mohaupt & Duckert, 2016; Simmons et al., 2010). Diferentes estudos demonstram que mães que experienciaram VRI podem encontrar-se afetadas psicologicamente, emocionalmente e/ou fisicamente, e devido a tal manifestar sentimentos de isolamento, falta de energia, níveis reduzidos de suporte emocional e problemas de comunicação com os filhos, sendo que também apresentam elevados níveis de stress maternal e tendem a ser agressivas no que concerne à disciplina desempenhada para com os filhos (Draxler et al., 2019; Kamody et al., 2020; Simmons et al., 2010).

Relativamente aos pais que experienciam o fenómeno de VRI, a literatura aponta que cerca de metade dos pais perpetradores de VRI também podem ser violentos com os filhos (Edleson, 1999 como citado em Mohaupt & Duckert, 2016). Deste modo, esta experiência pode afetar a parentalidade exercida pelos mesmo, pois estes tendem a não se envolver e a negligenciar as necessidades das crianças, podem ser egocêntricos e possessivos com os filhos, manipuladores e tendem, frequentemente, a interferir com e a alienar a educação da mãe (Simmons et al., 2010).

A experiência de VRI pode impactar psicologicamente os diferentes envolvidos, podendo, como consequência, afetar a qualidade da relação maternal e paternal em relação à criança (Mohaupt & Duckert, 2016). Diversa literatura revela a existência de défices em pais que experienciam VRI, tais como falta ou menor empatia em relação à criança, perceções erróneas das expressões emocionais dos filhos, por comparação com pais e mães que não experienciam VRI (Mohaupt & Duckert, 2016). Assim como, pode afetar as interações saudáveis entre pais e mães e filhos (Adhia & Jeong, 2019).

Não obstante, a VRI pode do mesmo modo impactar os estilos parentais (Zakeri et al., 2010). Assim, considerando o modelo de Baumrind (1991) identifica-se estilos diversos estilos parentais, entre os quais, o estilo democrático, o estilo autoritário e o estilo permissivo (Nunes & Mota, 2018).

Deste modo, o estilo democrático é centrado na criança, é ainda um estilo em que os pais e mães são exigentes e têm um grau de controlo em relação à criança considerando o seu estágio de desenvolvimento, conjuntamente consideram as suas opiniões, existindo assim uma comunicação entre o progenitor e a criança. Este estilo contribui assim para a autonomia e autoestima (Nunes & Mota, 2018; Pedro et al., 2015).

O estilo autoritário é um estilo centrado nos pais e mães e pode ser descrito como um estilo em que os pais exercem elevado controlo e exigências relativamente à criança, procuram assim a obediência total da criança, sendo rígidos e podem utilizar práticas punitivas para disciplinar a criança, tal como a coerção física (Nunes & Mota, 2018; Pedro et al., 2015).

O estilo permissivo é centrado na criança, porém, de baixo controlo em relação à mesma por parte dos pais e mães, sendo que pais que adotam este estilo têm como objetivo não praticar muito controlo sobre a criança, visto que, assim permitem a autonomia da mesma. Estes acreditam que a as crianças devem ter liberdade para expressarem os seus impulsos, pois consideram o mais saudável para estas (Nunes & Mota, 2018; Pedro et al., 2015).

Assim sendo, os estilos parentais assimilam os comportamentos, atitudes e estilos de educação das figuras cuidadoras (e.g. pai e mãe), que são efetuados num clima emocional, constituído simultaneamente as dimensões da relação diádica entre pais-filhos e/ou mães-filhos. O estilo parental utilizado pelo progenitor expõe a qualidade desta relação diádica (e.g. respostas emocionais) (Baumrind, 1991 como citado em Nunes & Mota, 2018). Ou seja, os estilos parentais podem ser definidos pelo modo de como os pais e mães interagem com os filhos (Umoren & Owiriwa, 2018). Além disso, os estilos parentais assumem influência no desenvolvimento e no bem estar das crianças e adolescentes (Nunes & Mota, 2018; Umoren & Owiriwa, 2018).

Alguns estudos corroboram que os estilos parentais podem ter influência na saúde mental das crianças e dos jovens (Zakeri et al., 2010). Posto isto, tendo em consideração a bibliografia, existe uma influência dos estilos parentais e o ajustamento sócio emocional e psicológico das crianças e dos jovens (Nunes & Mota, 2018; Pedro et al., 2015).

Como referido anteriormente, a experiência de VRI pode afetar a coparentalidade, como por exemplo na cordialidade parental, posto que esta pode ter influência em vários fatores do desenvolvimento dos estádios da criança e jovem e adaptação dos mesmos (Stroud et al., 2015).

Posto isto, estes fatores demonstram a necessidade e pertinência do estudo, pois o tema violência bidirecional nas relações de intimidade é um tema recente na literatura e existem poucas informações sobre o mesmo, principalmente quando correlacionado com a parentalidade, mais especificamente os estilos parentais. Maior parte dos estudos têm como foco essencialmente a violência unidirecional. Devido a esta lacuna na literatura, demonstra-se fundamental abordar e aprofundar este fenómeno.

Do mesmo modo, existe também uma lacuna na literatura no que concerne aos estilos parentais paternos, visto que maioritariamente são abordados os estilos parentais maternos (e.g. Gaspar et al., 2022). Sendo que, tem-se mostrado importante também abordar e fundamentar os estilos parentais paternos, no sentido de conhecer quais os estilos frequentemente utilizados pelos pais, sendo que neste caso em contexto de violência íntima bidirecional (Pedro et al., 2015).

Outro fator demonstrativo da pertinência deste estudo é o facto da literatura demonstrar que o número de crianças expostas a VRI é bastante elevado (Umoren & Owiriwa, 2018), tal como a população que experienciam o fenómeno de VRI é elevada (Capinha et al., 2022).

Demonstra-se espectável que as relações entre filhos e pais e mães sejam saudáveis, visto a relação que os pais e mães e filhos estabelecem é um preditor de desenvolvimento saudável ou não saudável das crianças e jovens (Gaspar et al., 2022).

Assim sendo, a realização de estudos acerca de como a violência mútua e como este fenómeno pode afetar os estilos parentais, torna-se crucial e fundamental. Visto que a literatura refere a existência de impacto considerável nas crianças e jovens que se foram e/ou são expostas à violência e o impacto da mesma nos estilos parentais.

Em suma, o projeto tem como objetivos principais compreender de que modo a violência bidirecional nas relações de intimidade pode afetar as competências parentais, mais concretamente os estilos parentais, comparando os géneros.

Objetivos e Hipóteses

O presente estudo tem como objetivos analisar de que modo a violência bidirecional nas relações de intimidade pode afetar as competências parentais, mais concretamente os estilos parentais, tendo em atenção as três escalas avaliadas pelo *Egna Minnen Beräffande Uppstran-P* (EMBU-P) (suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo), e analisar em que medida pais e mães que experienciam violência bidirecional nas relações de intimidade diferem no que respeita aos estilos parentais, considerando as três escalas.

Posto isto, de modo a responder aos objetivos propostos formularam-se três hipóteses.

Hipótese 1 – espera-se que pais e mães que experienciem violência bidirecional nas relações de intimidade apresentem níveis elevados de rejeição à criança, comparativamente a pais que não experienciem e/ou perpetraram qualquer tipo de violência na sua relação de intimidade.

Hipótese 2 – espera-se que mães que experienciem violência bidirecional nas relações de intimidade demonstrem níveis inferiores estatisticamente significativos de suporte emocional comparativamente a mães que não experienciam e/ou perpetuam qualquer tipo de violência.

Hipótese 3 – espera-se que pais que experienciem violência bidirecional nas relações de intimidade manifestem níveis mais elevados de tentativa de controlo relativamente a mães que experienciem o mesmo fenómeno.

Método

Amostra/participantes

A amostra do presente estudo é composta por indivíduos da comunidade, com idade igual ou superior a 18 anos e com filhos menores de 18 anos. Trata-se de um estudo exclusivo ao contexto nacional.

A amostra é constituída por 141 participantes, 23 (16,3%) do sexo masculino e 118 (83,7%) do sexo feminino ($Mo = 2$). A idade dos participantes varia entre os 21 e 54 anos, tendo como idade média 39.05 anos ($DP = 7.31$).

Tabela 1: Variáveis Sociodemográficas dos Participantes (n = 141)

	N	%
	141	
Sexo		
Feminino	118	83.7
Masculino	23	16.3
Nacionalidade	138	
Portuguesa	131	92.9
Outra	7	5
Habilitações	141	
Académicas		
1º Ciclo	1	.7
2º Ciclo	9	6.4
9º Ano	23	16.3
12º Ano	21	14.9
Ensino Pós-Secundário	8	5.7
Licenciatura	44	31.2
Mestrado	21	14.9

Doutoramento	14	9.9
---------------------	----	-----

Situação	141	
Profissional	126	89.4
Empregado/a	2	1.4
Estudante	4	2.8
Trabalhador- Estudante	9	6.4
Desempregado/a		

Estado Civil	141	
Solteiro/a	17	12.1
Casado/o /União de Facto	107	75.9
Separado/a / Divorciado/a	15	10.6
Viúvo/a	1	.7
Prefiro não responder	1	.7

Tabela 2: Variável Sociodemográfica (Idade) dos Participantes

	M	DP
Idade	39.05	7.31

Medidas

Para a realização da análise de dados considerou-se quatro instrumentos, entre os quais o Questionário Sociodemográfico e a Escala de Respostas Socialmente Desejáveis. Para analisar mais concretamente a violência bidirecional nas relações de intimidade recorreu-se ao instrumento Inventário de Violência Conjugal (IVC) e para avaliação dos estilos parentais aplicou-se ao instrumento *Egna Minnen Beräffande Uppstran-P (EMBU-P)*.

Questionário Sociodemográfico

O Questionário Sociodemográfico tem como objetivo recolher dados acerca dos participantes e é constituído por diferentes variáveis, nomeadamente: género; idade; orientação sexual; estado civil; habilitações académicas; situação profissional; nível socioeconómico; duração da relação de intimidade; número de filhos.

Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5 Hays et al. (1989), Versão Portuguesa Pechorro et al., (2019)

A Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5 é um instrumento que pretende avaliar a desejabilidade social, a qual se refere à tendência de certos indivíduos responderem às perguntas propostas da forma como consideram que seria mais aceitável pela sociedade.

A Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5 é composta por 5 itens, sendo cada item cotado numa escala de 5 pontos, de “Totalmente Verdadeiro” a “Totalmente Falso”, considerando que pontuações mais elevadas indicam valores de desejabilidade social mais elevados.

O *alpha* de Cronbach do estudo da versão original da Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5 varia entre .66 e .68. O estudo da versão portuguesa desta escala dispõe como valor de *alpha* de Cronbach .86.

Considerando a amostra recolhida, o valor do *alpha* de Cronbach do estudo é $\alpha = .55$

Inventário de Violência Conjugal (IVC; Machado et al., 2007)

O Inventário de Violência Conjugal (IVC) é um instrumento que tem na sua génese a avaliação de 21 atos de violência cometida e/ou sofrida por parte de parceiros no último ano, organizados em duas escalas: violência física e violência psicológica.

O instrumento contém três respostas possíveis para cada item (e.g. “puxar os cabelos com força”; “Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ‘ferir’”), em termos de vitimação e perpetração atendendo à frequência dos atos e que estes se manifestem durante o último ano “Nunca fiz na minha relação”/“O meu parceiro(a) nunca fez”, “Já fiz ao meu parceiro(a) uma única vez”/“O meu parceiro(a) já me fez uma única vez”, “Já fiz ao meu parceiro(a) mais do que uma vez”/“O meu parceiro(a) já me fez mais do que uma vez”.

O instrumento original não apresenta o *alpha* de Cronbach. Contudo, considerando estudo de Cunha et al. (2021) o valor do *alpha* de Cronbach para a violência física é de 0,83 e para a violência psicológica é de 0,63.

Considerando os dados obtidos da amostra o valor do *alpha* de Cronbach para o IVC vitimação é de 0,90 e o valor do *alpha* de Cronbach para o IVC perpetração é de 0,85.

Egna Minnen Besträffande Uppstran-P (EMBU-P; Castro et al., (1997); Versão Portuguesa de Canavarro, Canavarro & Pereira, (2007)

O *Egna Minnen Besträffande Uppstran* (EMBU) é um instrumento que tem como objetivo a avaliação das práticas parentais educativos, tanto para pais como mães. Este instrumento tem como principal objetivo a avaliação da perceção dos pais no que concerne aos estilos parentais adotados relativamente à criança. O instrumento é composto por 52 itens, sendo que estes são avaliados numa escala de tipo Likert de 4 pontos, desde “Não, nunca” a “Sim, sempre”.

O instrumento organiza-se em três subescalas: suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo.

A subescala suporte emocional é composta por 13 itens, que manifestam a expressão verbal e física de suporte afetivo por parte dos pais e mães, aceitação parental e disponibilidade física e psicológica dos pais e mães face à criança.

A subescala de rejeição é composta por 17 itens, proporcionando a avaliação da hostilidade ou agressão verbal e física e a não aceitação da criança.

A subescala de tentativa de controlo possui 11 itens, os quais permitem a avaliação através dos estilos parentais em que os pais têm intenções e ações de controlar o comportamento das crianças, manifestações de exigências face às crianças e preocupações relativamente ao bem-estar dos filhos.

O *alpha* de Cronbach da escala original do EMBU, varia consoante as subescalas, considerando as repostas dos pais e mães, entre as quais suporte emocional $\alpha = .84$, rejeição $\alpha = .75$, e tentativa de controlo $\alpha = .76$.

Considerando os dados estatísticos das escalas do EMBU-P (estudo português), o *alpha* de Cronbach varia consoante as subescalas e valores respondidos pelos pais e mães, suporte emocional $\alpha = 0.80$, na rejeição $\alpha = 0.72$, e tentativa de controlo $\alpha = 0.70$. Contudo, o *alpha* de Cronbach altera os valores quando o instrumento é respondido pelas mães, na escala rejeição $\alpha = 0.74$, na escala suporte emocional $\alpha = 0.80$, e na escala tentativa de controlo $\alpha = .71$.

Tendo em conta a amostra recolhida, os valores de *alpha* de Cronbach do presente estudo divergem tendo em consideração as subescalas e valores respondidos pelos participantes, assim sendo, suporte emocional $\alpha = .78$, rejeição $\alpha = .80$ e tentativa de controlo $\alpha = .71$.

Procedimentos

A recolha dos dados foi realizada online, através da plataforma *Qualtrics Survey*, sendo que a plataforma respeita as normas do Regulamento Geral Nacional da Proteção de Dados. Posto que, esta garante que todas as informações são recolhidas de modo totalmente confidencial, sendo apenas operadas para efeitos de estudo estatístico. A divulgação do protocolo foi realizada através da partilha do link por via das redes

sociais (e.g. Facebook; Messenger) e por via eletrónica, através de email, por parte dos membros da equipa.

A participação neste estudo foi voluntária, tendo sido recolhido à priori o consentimento informado dos participantes. Estes foram previamente informados a respeito dos objetivos do estudo, tal como da natureza e confidencial do mesmo. Não houve lugar a qualquer tipo de recompensa pela participação no estudo.

Estima-se que a duração do preenchimento do protocolo foi entre os 20 e 25 minutos.

O presente projeto foi submetido à Comissão de Ética e Deontologia para Investigação Científica (CEDIC) da Faculdade de Psicologia, Educação e Desporto da Universidade Lusófona do Porto, o qual mereceu a devida aprovação.

Metodologia de análise de dados

Os dados foram analisados e tratados, de modo quantitativo, por recurso ao software estatístico IBM SPSS versão 27 (Statistical Package for the Social Sciences 27.0).

Primeiramente, para análise da amostra, foi realizada uma análise descritiva, contemplado média, moda, mediana, mínimos e máximos e o *alpha* de *Cronbach*.

Para além disso, foi realizada a recodificação de instrumentos que necessitavam da mesma (e.g. Escala de Resposta Socialmente Desejáveis-5), calculou-se os valores omissos e do mesmo modo analisou-se a confiabilidade das escalas.

Em seguida, tendo em consideração as hipóteses formuladas, foi executado um teste de diferenças através do teste t student, visto que este permite a comparação entre grupos, mais concretamente o grupo que não experiêcia qualquer tipo de violência e o grupo que experiêcia violência bidirecional na relação de intimidade. Comparou-se ainda, através do teste de diferenças o grupo de mães que não experiêciavam violência e o grupo de mães que experiêciavam violência bidirecional nas relações de intimidade ao nível dos estilos parentais. Para além disso, também se comparou os dois géneros (feminino e masculino), considerando os dois grupos anteriores, ao nível dos estilos parentais.

Resultados

Prevalência de perpetração de violência na intimidade

Da análise dos resultados do IVC foi possível perceber que 68 (48.2%) participantes não relataram experiências de vitimação ou perpetração na intimidade, 45 (31.9%) participantes reportaram violência bidirecional, 20 (14.2%) participantes mencionaram experienciar episódios de vitimação e 8 (5.7%) reconheceram perpetrar atos de violência na relação de intimidade.

Frequência de violência na intimidade, estilos parentais e desejabilidade social

No que concerne à frequência da violência, verificou-se uma frequência média de vitimação de 1.94 ($DP = 4.40$) e uma frequência média de perpetração de 1.05 ($DP = 2.69$) (cf. Tabela 3).

Relativamente ao EMBU-P, na dimensão rejeição os participantes obtiveram uma média de 25.44 ($DP = 4.62$), na dimensão suporte emocional alcançaram uma média de 49.22 ($DP = 4.26$) e na dimensão tentativa de controlo uma média de 26.77 ($DP = 4.66$) (cf. Tabela 4). De um modo geral, quando comparados os valores da presente amostra com os valores da amostra de validação à população portuguesa foi possível compreender que os participantes se encontram dentro da média (Canavarro & Pereira, 2007).

Por fim, ao nível da desejabilidade social, os participantes do presente estudo obtiveram uma média de 17.72 ($DP = 2.78$) (cf. Tabela 3). Uma vez que este valor se encontra acima do ponto médio da escala (12.5), significa que estes evidenciaram uma tendência para responder aos instrumentos em função do que é socialmente desejável.

Tabela 3: Estatísticas Descritivas do IVC e da Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5

	M	DP	Mínimo	Máximo
IVC Vitimação	1.94	4.40	0	30

IVC	1.05	2.69	0	22
Perpetração				
Escala de	17.72	2.68	10	25
Respostas				
Socialmente				
Desejáveis-5				

Tabela 4: Estatísticas Descritivas das Subescalas do EMBU-P

	M	DP	Mínimo	Máximo
EMBU-P	25.44	4.62	17	43
Rejeição				
EMBU-P	49.22	4.26	34	56
Emocional				
EMBU-P	26.77	4.66	13	37
Tentativa de				
Controlo				

Diferenças entre os grupos ao nível dos estilos parentais

Atendendo aos objetivos do presente estudo, apenas foram realizados testes de diferenças entre os grupos sem violência e o grupo que experienciam violência bidirecional. Deste modo, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os participantes que experienciam violência bidirecional nas relações de intimidade e os participantes que não experienciam qualquer tipo de violência na dimensão rejeição, $t(71.51) = -2.72, p = .01$ (cf. Tabela 5). Os participantes que experienciam violência bidirecional nas relações de intimidade demonstram maior rejeição para com os filhos comparativamente com os participantes que não experienciam qualquer tipo de violência na relação íntima. Nas restantes dimensões não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Importa, no entanto, mencionar que

quando comparados os dados de ambos os grupos com os resultados da amostra portuguesa de aferição, verificamos que estes apresentam resultados dentro da média (Canavarro & Pereira, 2007).

Tabela 5: Teste de diferenças entre grupos ao nível dos estilos parentais

	Sem violência (n = 68)	Violência bidirecional (n = 45)					
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>	<i>d</i>	95% CI
EMBU-P Emocional	49.19 (4.02)	48.53 (4.92)	.79	111	.43	4.40	[-1.01, 2.34]
EMBU-P Rejeição	24.72 (3.87)	27.32 (5.60)	- 2.72	71.51	.01	4.64	[-4.52, -.70]
EMBU-P Tentativa de Controlo	26.90 (4.07)	26.47 (5.29)	.47	77.38	.64	4.59	[-1.41, 2.29]

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Diferenças entre grupos considerando apenas o género feminino, ao nível dos estilos parentais

Tendo em consideração os pressupostos do presente estudo, procedeu-se à realização do teste de diferenças entre os dois grupos, atendendo apenas ao género feminino, relativamente aos estilos parentais.

Posto isto, denotaram-se diferenças estatisticamente significativas entre mães que não experienciam qualquer tipo de violência e mães que experienciam violência bidirecional, na subescala rejeição $t(60.73) = -2.33$, $p = .02$ (cf. Tabela 6). As mães que experienciam violência bidirecional, apresentam níveis mais elevados de rejeição para

com os filhos comparativamente ao grupo de mães que não experienciam qualquer tipo de violência na relação de intimidade. Nas restantes subescalas não se observaram diferenças estatisticamente significativas. Denota-se ainda que, quando comparados os dados de ambos os grupos com os resultados da amostra portuguesa de aferição, verificamos que estes apresentam resultados dentro da média (Canavarro & Pereira, 2007).

Tabela 6: Teste de diferenças entre os dois grupos considerando o sexo feminino ao nível dos estilos parentais

	Sem violência (n = 56)	Violência bidirecional (n = 38)					
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>	<i>d</i>	95% CI
EMBU-P Emocional	49.59 (3.95)	49.21 (4.62)	.43	92	.67	4.24	[-1.39, 2.15]
EMBU-P Rejeição	26.63 (4.08)	27.19 (5.88)	- 2.33	60.73	.02	4.89	[-4.76, -.36]
EMBU-P Tentativa de Controlo	27.23 (4.02)	26.64 (5.38)	.60	92	.55	4.62	[-1.34, 2.51]

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Diferenças de género ao nível dos estilos parentais

Atendendo aos objetivos do presente estudo, foram executados testes de diferenças entre os géneros feminino e masculino, tendo em conta o grupo sem violência na relação de intimidade e seguidamente o grupo violência bidirecional.

Considerando o grupo sem violência, denotou-se diferenças estatisticamente significativas relativamente aos géneros, na dimensão suporte emocional, $t(66) = -1.80$, $p = .08$ (cf. Tabela 7). Os participantes do género feminino demonstram mais suporte emocional para com os filhos comparativamente com os participantes do género masculino. Nas restantes dimensões não se observou diferenças estatisticamente significativas.

Relativamente ao grupo violência bidirecional e comparação entre géneros feminino e masculino, observou-se diferenças estatisticamente significativas na dimensão suporte emocional $t(43) = -2.27$, $p = .03$ (cf. Tabela 8). Ou seja, dos participantes que experienciam violência bidirecional nas relações de intimidade, participantes do género feminino apresentam maior suporte emocional, comparativamente ao género masculino.

Tabela 7: Teste de diferenças do grupo sem violência ao nível dos estilos parentais

	Sexo Masculino (n = 12)	Sexo Feminino (n = 56)					
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>	<i>d</i>	95% CI
EMBU-P Emocional	47.32 (3.98)	49.59 (3.95)	- 1.80	66	.08	3.96	[-4.78, 2.45]
EMBU-P Rejeição	25.12 (2.81)	24.6 (4.08)	.40	66	.69	3.90	[-1.98, 2.97]
EMBU-P Tentativa de Controlo	25.39 (4.12)	27.23 (4.02)	.97	66	.16	4.04	[-4.40, .73]

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Tabela 8: Teste de diferenças do grupo com violência ao nível dos estilos parentais

	Sexo Masculino (n = 7)	Sexo Feminino (n = 38)					
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>	<i>d</i>	95% CI
EMBU-P Emocional	44.82 (5.16)	49.21 (4.62)	- 2.27	43	.03	4.70	[-8.29, - .49]
EMBU-P Rejeição	28.03 (4.02)	27.19 (5.88)	.36	43	.72	5.66	[-3.86, .553]
EMBU-P Tentativa de Controlo	25.51 (5.05)	26.64 (5.38)	-.58	43	.61	5.34	[-5.56, 3.29]

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Discussão

O objetivo principal deste estudo foi compreender de que modo é o fenómeno violência bidirecional nas relações de intimidade experienciado por pais, pode afetar as competências parentais, nomeadamente estilos parentais, comparativamente a pais que não experienciam qualquer tipo de violência. Consideramos ainda, para análise de dados se existia diferenças entre os géneros.

Assim sendo, através da análise dos resultados existiu a possibilidade de comparar o grupo de pais e mães que não experienciam qualquer tipo de violência ($n = 68$) e pais e mães que experienciam violência bidirecional nas relações de intimidade ($n = 45$). Esta comparação permitiu observar que existe diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, na dimensão rejeição, ou seja, o grupo de pais e mães que experienciam violência bidirecional demonstram níveis superiores de rejeição. Tais valores corroboram com a literatura, que nos indica que devido à experiência de violência bidirecional e as suas consequências (e.g. psicológicas), os pais e mães tendem a manifestar níveis elevados de agressividade (e.g. ao nível escolar) e hostilidade para com os filhos (Draxler et al., 2019; Kamody et al., 2020; Mohaupt & Duckert, 2016; Simmons et al., 2010). Tal facto, pode ser explicado através das teorias da família, que indicam que relacionamentos negativos, influenciam negativamente outros relacionamentos (e.g. pais e mães que experienciam violência bidirecional na relação íntima, podem transpor essa experiência para a relação díade ou tríade) (Adhia & Jeong, 2019; Simmons et al., 2010). Os resultados corroboram com a primeira hipótese (i.e., “espera-se que pais e mães que experienciem violência bidirecional nas relações de intimidade apresentem níveis mais elevados de rejeição, comparativamente a pais que não experienciem e/ou perpetraram qualquer tipo de violência”), demonstrando deste modo, a necessidade de intervir em casos de VRI (Rempel et al., 2019), pois para além das consequências individuais que este fenómeno pode causar (Abramsky et al., 2011; Umoren & Owiriwa, 2018), pode afetar a parentalidade e consecutivamente o desenvolvimento saudável das crianças e jovens (Gaspar et al., 2022).

Do mesmo modo, no decorrer da análise dos resultados existiu a possibilidade de uma comparação entre as participantes do género feminino que experienciavam violência bidirecional na relação de intimidade ($n = 38$) e as participantes do género feminino que não experienciavam qualquer tipo de violência ($n = 56$). Os resultados do presente estudo permitiram perceber que se verificaram diferenças estatisticamente

significativas entre mães envolvidas em relações de violência bidirecional e mães que não experienciam qualquer tipo de violência na relação de intimidade na subescala rejeição.

Os valores adquiridos através dos resultados do estudo relativamente aos dois grupos não apresentam diferenças estatisticamente significativas nas subescalas suporte emocional e tentativa de controlo. Assim sendo, a hipótese 2 (i.e., “espera-se que mães que experienciem violência bidirecional nas relações de intimidade demonstrem níveis inferiores estatisticamente significativos de suporte emocional comparativamente a mães que não experienciam e/ou perpetuam qualquer tipo de violência”) é refutada. Tal não vai de encontro com a literatura, visto que esta indica que mães que experienciam violência bidirecional nas relações de intimidade tendem a estar frágeis psicologicamente e devido a isso demonstrar sentimentos de isolamento, falta de energia e níveis baixos de suporte emocional (Draxler et al., 2019; Kamody et al., 2020; Simmons et al., 2010).

Ademais, no que respeita à hipótese 3 (i.e., “espera-se que pais que experienciem violência bidirecional nas relações de intimidade manifestem níveis mais elevados de tentativa de controlo relativamente a mães que experienciem o mesmo fenómeno”), os resultados demonstraram que não existiam diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de pais e mães, refutando-se, devido a isso, a hipótese previamente formulada. Estes resultados mostram-se inconsistente com a literatura prévia, visto que esta refere que pais que experienciem violência bidirecional nas relações de intimidade tendem a ser egocêntricos, controladores e possessivos com as crianças e jovens (Simmons et al., 2010).

Estes resultados e hipóteses refutadas podem ser justificadas devido aos níveis elevados de desajustabilidade social da amostra, posto que estes valores podem ter impacto nos resultados. Ainda, os resultados da hipótese 3 podem ter sido influenciados devido ao reduzido número de participantes do sexo masculino da amostra.

Relativamente às diferenças de género, considerando os dois grupos (sem violência, e experienciam violência bidirecional) e o estudo de Canavarro & Pereira (2007), o grupo de pais e mães que não experienciam qualquer tipo de violência na subescala suporte emocional apresentou valores superiores a nível de média que o artigo da versão portuguesa do EMBU-P, o mesmo não aconteceu com restantes variáveis –

rejeição e tentativa de controlo (Canavarro & Pereira, 2007), sendo que os valores apresentados podem ser justificados pelos elevados valores da Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5, ou seja, as respostas dos pais e mães podem ter sido extrapoladas, devido a esta necessidade de corresponder ao que é expectável para a sociedade.

No entanto, o grupo de pais e mães que experienciam violência bidirecional demonstraram diferenças relativamente ao estudo original português do EMBU-P (Canavarro & Pereira, 2007). O género masculino apresentou valores inferiores nas subescalas suporte emocional e tentativa de controlo, porém na subescala rejeição observou-se valores superiores ao da subescala do estudo original português. O género feminino, apresentou na subescala suporte emocional valores superiores comparativamente ao estudo original, contudo na subescala tentativa de controlo observou-se valores inferiores, e a subescala rejeição revelou pontuações ligeiramente inferiores (Canavarro & Pereira, 2007).

O presente estudo apresenta algumas limitações, entre as quais a amostra, pois para esta ser considerada robusta era necessária uma amostra de 176 indivíduos a fim de atingir 95% de poder ($\alpha = .05$; tamanho do efeito = .5), valores retirados por recurso ao G*Power 3, *apriori* da recolha dos dados, sendo que a amostra deste estudo é de 141 participantes.

Demonstrou-se como limitação, a amostra não se mostrar representativa nem homogénea no que concerne ao género, uma vez que a mostra é constituída por 141 participantes, 23 (16.3%) do sexo masculino e 118 (83.7%) do sexo feminino. Esta amostra limitou o estudo, pois um dos objetivos principais deste estudo foi a comparação entre os géneros.

Ao nível do enquadramento teórico, apresentou-se como limitação a escassa literatura acerca do fenómeno violência bidirecional nas relações de intimidade, sendo que tal pode ser explicado pelo tema ser recentemente abordado na literatura, e ainda mais escassa se apresentou a bibliografia acerca de violência bidirecional nas relações de intimidade e parentalidade – nomeadamente estilos parentais -, principalmente parentalidade masculina. Deste modo, também se demonstra necessário referir que a literatura acerca dos estilos parentais é essencialmente estilos parentais maternos (e.g. Gaspar et al., 2022; Pedro et al., 2015). Assim sendo, este estudo e resultados do mesmo

podem ser pioneiros em relação a estes temas, que se apresentam escassos na literatura atual, e futuros estudos.

Ou seja, este estudo tem como potencial ser uma mais-valia para a investigação do fenómeno violência bidirecional nas relações de intimidade e como é que esta influência a parentalidade, nomeadamente os estilos parentais. Do mesmo modo, o estudo tem implicações em termos de prevenção e intervenção, visto que quanto mais conhecimento obtivermos acerca de um fenómeno, existe maiores possibilidades de executar uma prevenção e/ou intervenção.

Para além disso, o estudo apresenta potencial na prática profissional, visto que existe uma lacuna na literatura no que respeita a relação entre violência bidirecional nas relações de intimidade e como é que esta pode influenciar os estilos parentais, sendo que os resultados deste estudo, podem conter relevância ao nível da área da Psicologia (e.g. prevenção e/ou intervenção).

Referências Bibliográficas

- Abramsky, T., Watts, C. H., Garcia-Moreno, C., Devries, K., Kiss, L., Ellsberg, M., Jansen, H. A. F. M., & Heise, L. (2011). What factors are associated with recent intimate partner violence? findings from the WHO Multi-country Study on women's Health and Domestic Violence. *BMC Public Health*, 11. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-11-109>
- Adhia, A., & Jeong, J. (2019). Fathers' perpetration of intimate partner violence and parenting during early childhood: Results from the Fragile Families and Child Wellbeing Study. *Child Abuse and Neglect*, 96(July), 104103. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2019.104103>
- Antunes, J., & Machado, C. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*, 30(1 / 2), 93–107. <https://doi.org/10.14417/ap.535>
- Askeland, I. R., & Heir, T. (2014). Psychiatric disorders among men voluntarily in treatment for violent behaviour: A cross-sectional study. *BMJ Open*, 4(4), 1–5. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2013-004485>
- Bates, E. A. (2016). Current Controversies within Intimate Partner Violence: Overlooking Bidirectional Violence. *Journal of Family Violence*, 31(8), 937–940. <https://doi.org/10.1007/s10896-016-9862-7>
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspectiva dos pais: A versão portuguesa do EMBU-P. In *Psicologia: Teoria Investigação e Prática*.
- Capinha, M., Rijo, D., Pereira, M., & Matos, M. (2022). The Prevalence, Directionality, and Dyadic Perpetration Types of Intimate Partner Violence in a Community Sample in Portugal: a Gender-Inclusive Inquiry. *European Journal on Criminal Policy and Research*, 0123456789. <https://doi.org/10.1007/s10610-022-09514-w>
- Castro, J., De Pablo, J., Gómez, J., Arrindell, W. A., & Toro, J. (1997). Assessing rearing behaviour from the perspective of the parents: A new form of the EMBU. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 32(4), 230–235. <https://doi.org/10.1007/BF00788243>
- Cunha, O., Peixoto, M., Cruz, A. R., & Gonçalves, R. A. (2021). Buss-Perry Aggression

- Questionnaire: Factor Structure and Measurement Invariance Among Portuguese Male Perpetrators of Intimate Partner Violence. *Criminal Justice and Behavior*, 1–17. <https://doi.org/10.1177/00938548211050113>
- Dokkedahl, S., & Elklit, A. (2019). Understanding the mutual partner dynamic of intimate partner violence: A review. *Partner Abuse*, 10(3), 298–318. <https://doi.org/10.1891/1946-6560.10.3.298>
- Draxler, H., Hjärthag, F., & Almqvist, K. (2019). Replicability of Effect when Transferring a Supportive Programme for Parents Exposed to Intimate Partner Violence and Their Children from the US to Sweden. *Child Care in Practice*, 25(4), 367–382. <https://doi.org/10.1080/13575279.2018.1463968>
- Gaspar, T., Cerqueira, A., Guedes, F. B., & de Matos, M. G. (2022). Parental Emotional Support, Family Functioning and Children's Quality of Life. *Psychological Studies*, 67(2), 189–199. <https://doi.org/10.1007/s12646-022-00652-z>
- Hays, R. D., Hayashi, T., & Stewart, A. L. (1989). A five-item measure of socially desirable response set. In *Educational and Psychological Measurement* (Vol. 49, Issue 3, pp. 629–636). <https://doi.org/10.1177/001316448904900315>
- Kamody, R. C., Howell, K. H., Schwartz, L. E., Schaefer, L. M., & Thurston, I. B. (2020). A Cross-Sectional Examination of Intimate Partner Violence and Mother-Child Communication. *Journal of Child and Family Studies*, 29(5), 1363–1373. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01617-z>
- Langhinrichsen-Rohling, J. (2010). Controversies involving gender and intimate partner violence in the United States. *Sex Roles*, 62(3–4), 179–193. <https://doi.org/10.1007/s11199-009-9628-2>
- Lundy, M., & Grossman, S. R. (2005). The mental health and service needs of young children exposed to domestic violence: Supportive data. *Families in Society*, 86(1), 17–29. <https://doi.org/10.1606/1044-3894.1873>
- Machado, A., & Matos, M. (2016). *Unseen Men : the Forgotten Victims of Intimate Partner*. 1, 5–28.
- Machado, C., Gonçalves, M., Matos, M., & Dias, A. R. (2007). Child and partner abuse: Self-reported prevalence and attitudes in the north of Portugal. *Child Abuse and*

- Neglect*, 31(6), 657–670. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2006.11.002>
- Mohaupt, H., & Duckert, F. (2016). Parental reflective functioning in fathers who use intimate partner violence: Findings from a Norwegian clinical sample. *Nordic Psychology*, 68(4), 272–286. <https://doi.org/10.1080/19012276.2016.1162107>
- Nunes, F., & Mota, C. P. (2018). Parenting Styles and Dimensions Questionnaire - Adaptação da Versão Portuguesa de Heterorrelato. *Revista Colombiana de Psicologia*, 27(1), 117–131. <https://doi.org/10.15446/rcp.v27n1.64621>
- Pechorro, P., Nunes, C., Gonçalves, R. A., Jesus, S. N., & Simões, M. R. (2019). The socially desirable response SET-5: Validation among a school sample of Portuguese youths. *Revista Iberoamericana de Diagnostico y Evaluacion Psicologica*, 52(3), 15–25. <https://doi.org/10.21865/RIDEP52.3.02>
- Pedro, M. F., Carapito, E., & Ribeiro, T. (2015). Parenting styles and dimensions questionnaire - versão Portuguesa de autorrelato. *Psicologia: Reflexao e Critica*, 28(2), 302–312. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528210>
- Rempel, E., Donelle, L., Hall, J., & Rodger, S. (2019). Intimate partner violence: a review of online interventions. *Informatics for Health and Social Care*, 44(2), 204–219. <https://doi.org/10.1080/17538157.2018.1433675>
- Simmons, C. A., Lehmann, P., & Dia, D. A. (2010). Parenting and women arrested for intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(8), 1429–1448. <https://doi.org/10.1177/0886260509346064>
- Stroud, C. B., Meyers, K. M., Wilson, S., & Durbin, C. E. (2015). Marital Quality Spillover and Young Children's Adjustment: Evidence for Dyadic and Triadic Parenting as Mechanisms. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 44(5), 800–813. <https://doi.org/10.1080/15374416.2014.900720>
- Umoren, O. A., & Owiriwa, N. C. (2018). *Influence O F Do Mestic Vio Lence and Parenting Style O N Children'S Psycho Lo Gical Well-Being*. 16(3), 12246–12254.
- Zakeri, H., Jowkar, B., & Razmjoei, M. (2010). Parenting styles and resilience. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 5, 1067–1070. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2010.07.236>